

PAULISTAS, MINEIROS, pessoas de outros Estados, mesmo aquelas nascidas na capital federal, escrevem com frequência sobre suas localidades. Os títulos dos principais jornais desses locais refletem isso: "Folha de S. Paulo", "Estado de S. Paulo", "Estado de Minas" e "Correio Braziliense". No Rio de Janeiro, os principais jornais são "O Globo", "O Dia" e o finado "Jornal do Brasil", o que reflete a baixa preocupação com questões locais, não dos veículos em si, mas da população que compra, ou não, jornais.

Em 1994, o jornalista do "Globo" Zuenir Ventura chamou o Rio de "Cidade Partida", dividida entre o asfalto e o morro. Se Zuenir morasse em São Paulo, ou em Brasília, escreveria o livro "Cidade Cercada", sobre a ilha de riqueza rodeada por periferias pobres.

Zuenir é de Além Paraíba, terra de meu avô Agostinho —outro mineiro apaixonado pelo Rio. Se Zuenir fosse carioca, não escreveria livro nenhum sobre o Rio. Cariocas não gostam de escrever sobre o Rio.

Pessoas de fora olham para dentro do Rio, cariocas olham para fora do Rio. Essa era a regra.

André Urani (nascido na Itália e criado em São Paulo) e Fabio Giambiagi (filho de argentinos, criado lá), cariocas por opção, organizaram a coletânea "Rio de Janeiro: A Hora da Virada", cuja orelha compõe este artigo. O livro descortina novos horizontes para o Rio. Olhares globais sobre ações locais.

Fabio é hoje o mais profícuo economista-editor brasileiro de coletâneas sobre temas diversos, tendo a

Rio: a hora da virada

MARCELO NERI



Catarina Bessel

relevância como bússola. André já havia nos brindado com seu livro sobre suas trilhas para o Rio avançar.

Uma nova geração de estudiosos nativos, na qual me incluo, passou sob sua liderança a se debruçar sobre os caminhos e descaminhos da nossa própria terra. O Rio de Janeiro virou objeto preferencial da agenda de pesquisas e de práticas.

Economistas cariocas traçaram as principais políticas públicas nacionais, do Paeg (Plano de Ação Econômica do Governo) ao Real, chegando ao regime macroeconômico vigente e ao desenho do Bolsa

As pessoas de fora olham para dentro do Rio, os cariocas olham para fora do Rio; essa era a regra

Família. Nesse ínterim de ações nacionais, os "três Rios", leia-se cidade, Estado e metrópole, foram asso-reados, perdendo importância.

O livro mapeia a transformação de ideias e práticas em curso. Cariocas passam a agir onde moram. Se antes a sigla era URV (Unidade Real de Valor), usada na estabilização do real, agora a sigla da vez é

UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), aplicada na segurança e no social. São programas de base territorial, mas como os planos macroeconômicos de outrora, com vocação para exportação "made in Rio".

Tive a honra de participar do desenho e da implementação de programas complementares ao Bolsa Família: o Família Carioca da Cidade do Rio e o Renda Melhor do Estado do Rio, que têm essa mesma vocação —quero crer. Esses programas apontam para um novo federalismo social, onde os três níveis de governo navegam na mesma dire-

ção, fato raro em se tratando do Rio.

A obra aponta um novo curso para os "três Rios" confluentes nas novas lideranças políticas. Se Colombo e Cabral no calor da disputa luso-espanhola descobriram a América e o Brasil; se bandeirantes como Fernão Dias Paes Leme, na acirrada caçada por esmeraldas, descobriram literalmente o interior do Brasil, os nossos Cabral e Paes —juntos— redescobriram o Rio.

O choque de ordem nas antes combalidas finanças locais, assim como as estratégias de desenvolvimento econômico, são descritas nos detalhes pelos respectivos responsáveis. Já o choque de progresso é enxergado para além da economia através das lentes de diferentes disciplinas.

Todas as novas direções relevantes foram mapeadas. Dos concretos objetos físicos de progresso —petróleo, energia, logística, infraestrutura e ambiente—, passando ao investimento nas pessoas através da restauração da excelência em educação, saúde e assistência, chegando aos intangíveis —mobilização social, economia criativa, ambiente de negócios, valor da marca da cidade— até o legado dos grandes eventos esportivos.

Esse é o melhor guia existente para o redescobrimento do Rio.

MARCELO NERI, 48, é economista-chefe do Centro de Políticas Sociais e professor da EPGE, na Fundação Getúlio Vargas. Internet: www.fgv.br/cps

mcneri@fgv.br

AMANHÃ EM MERCADO:
Gustavo Cerbasi